

“Argentina não é o Brasil”

Inspirado, talvez, em recente editorial do *The Wall Street Journal* que mostrava serem totalmente distintas as circunstâncias da Rússia e do Brasil, o presidente argentino Carlos Menem resolveu fazer um pedido bem claro à comunidade financeira internacional: por favor, não confundam o Brasil, capital Brasília, com a Argentina, capital Buenos Aires.

Não se sabe se por inspiração do ex-embaixador da Argentina em Washington, Granillo Ocampo, ou do atual, Pérez Güellar (o mesmo que, quando embaixador no Brasil, andou trocando asperezas com o presidente do Banco Central, Gustavo Franco), Menem decidiu comparecer à sessão de abertura da reunião anual conjunta do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial.

A falta de um convite não chegou a ser propriamente um problema. O diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, não foi consultado, mas informado de que o presidente argentino viria a Washington para o evento. Camdessus seguiu o manual do protocolo: se vier, concordo em recebê-lo. Não só recebeu, como dividiu as luzes do palco da cerimônia de abertura – que seriam todas para o presidente dos EUA, Bill Clinton – com Menem.

Os argentinos eram uma festa, contrastando com a discrição absoluta da delegação brasileira, que, ao que tudo sugere, vai montando uma operação preventiva de salvamento para o País. Pela primeira vez, parecíamos nós o país do tango – com circunspeção e veia dramática – e a Argentina, o do carnaval.

No plenário, Menem brilhou. Como entoando um hino pátrio, desfiava as conquistas de seu próprio governo. Contou a história argentina do século 20. A glória das primeiras duas décadas, o caos posterior e a volta ao esplendor. Para os delegados brasileiros sentados no plenário, a coisa devia doer: “Hoje, em meio à crise, a Argentina aumenta de forma permanente suas reservas e os depósitos de seu sistema financeiro.”

Sob o olhar atento de Clinton, Menem mostrava que a Argentina

definitivamente não era o Brasil e não precisava de nenhuma rede de proteção financeira. Para eles, 1998 e 1999 já estão resolvidos: “O Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) nos apóiam com recursos de rápido desembolso, para que possamos superar com sucesso esse período de turbulência internacional.”

Além do mais, mesmo sem ter mais o que privatizar (talvez só restem a hidrelétrica de Yaciretá e as usinas nucleares), os investidores estrangeiros não vão ligar para a crise internacional e entupir a Argentina de investimentos diretos. Nos próximos quatro anos, disse Menem, serão US\$ 70 bilhões.

E não é só na economia, não. A Argentina também não é o Brasil no lado social, como fez questão Menem de deixar bem claro: 100% das crianças em idade escolar estão na escola; apenas 18% vivem abaixo da linha de pobreza (diante dos 38% de dez anos passados) e a distribuição de renda existe para valer. Tudo isso, disse Menem com um sorriso de vitória, “obtivemos num contexto de sadia disciplina fiscal que, tendente ao equilíbrio orçamentário, prevê para 1999 um déficit de menos de 1% do Produto Interno Bruto”.

Menem pôs diante da comunidade financeira internacional tudo aquilo que, com muito mais cautela, o presidente do Banco Central da Argenti-

na, Pedro Pou, havia apresentado aos senadores argentinos há algumas semanas. Um e outro querem assinalar a mesma coisa: “Por favor senhores credores e senhores investidores, não nos confundam com o vizinho do lado.”

Ainda bem que um assessor lembrou de incluir no discurso algumas palavras de agrado para o Brasil, país que compra cerca de 33% de tudo o que a Argentina tem para vender no exterior. Menem, a certa altura, lembrou que “outro exemplo da firmeza política para levar adiante o processo de transformações estruturais é o Brasil, sob a liderança do presidente Fernando Henrique Cardoso, cujas políticas acabam de ser convalidadas de forma cabal pelo povo brasileiro”.



■ Pedro Luiz Rodrigues dirige a sucursal de Brasília

**“Por favor
senhores credores
e investidores,
não nos
confundam com o
vizinho do lado”**